A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARISTÓTELES[1]

TAMIOZZO, André Bufalo[2]

RESUMO: O conhecimento do necessário, aqui entendido como ciência, não diminui o que é a arte, mas se diferencia naquilo que lhe é próprio, a saber, a capacidade abstrativa ou intelectiva que potencializada, pelo uso da razão, encontra os elementos de definição essenciais do que uma coisa é. Por isso essa capacidade de entendimento é fundada na possibilidade de, mesmo estando separada, a sensação fixada na mente pela repetição se tornar memória e fonte de arte e ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Ciência. Sensação. Razão. Arte.

ABSTRACT: *Knowledge is necessary, here understood as a science, not detract from what is art, but differs in that which is proper, namely the ability to abstract or intellectual enhanced by the use of reason, are all essential elements of the definition that is one thing. So this ability to understand is founded on the possibility of even being separated, feel secured in mind by repetition become memory and power of art and science.*

KEYWORDS: *Knowledge. Science. Sense. Reason. Art*

INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que Aristóteles construiu em seu tempo remoto *um sistema completo do conhecimento* tão bem elaborado que até os tempos atuais debruça-se sobre sua sombra para entender como este fato se deu. O objetivo neste trabalho será uma análise deste conhecimento e suas formas mais elementares: *sensação e razão, arte e ciência*. Pretende-se levar em consideração a descrição de como seria cada um destes momentos do conhecer e a transição de uma destas formas para a sua consequente, possibilitando perceber o conhecimento, em suas mais importantes etapas de construção.

[1] Artigo de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Religião, Sociologia e Filosofia, área de Educação.

[2] Pós-Graduação em Religião, Sociologia e Filosofia (Faculdade Eficaz de Maringá/ PR). Contato: ab.tamiozzo@gmail.com

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Para alcançar o fim proposto, pretende-se entender como Aristóteles elabora definições essenciais que dependem da *natureza* dos objetos a serem conhecidos. Ou seja, é percebendo como cada uma destas formas relaciona-se; como cada uma fundamentalmente se mantém no sistema aristotélico. Um exemplo trivial, mas fecundo é da relação entre sensação e razão, pois deste processo que se obterão bases para todo o pensamento sobre a Ciência e a Arte. O livro de Aristóteles que sustenta nosso trabalho, a *Ética a Nicômacos*[3], esclarece algumas das necessidades de todo conhecimento proposto por ele:

> Dissemos antes que a alma se compõe de duas partes, uma dotada de razão e outra irracional [tratado no livro I]; agora façamos uma distinção semelhante em relação à parte dotada de razão. Partamos do pressuposto de que há duas faculdades racionais: uma que nos permite contemplar as coisas cujos primeiros princípios são invariáveis, e outra que nos permite contemplar as coisas passíveis de variação; com efeito, no pressuposto de que o conhecimento se baseia num certa semelhança ou afinidade entre o sujeito e o objeto, as partes da alma aptas a conhecer os objetos de espécies diferentes devem ser também especificamente diferentes. (EN VI, 1, 1139a 24–32)

Uma das necessidades fundamentais da EN será a definição das partes da alma[4]; uma primeira divisão ocorre no livro I parte final, e será retomada no livro VI; nesta segunda retomada a definição de alma racional tomará a importância do discurso; pois, será a parte da alma mais capaz de saber verdadeiramente 'o que' e o 'porquê' uma coisa é, trazendo à tona suas relações e necessidades, condições para toda a ciência e arte.

No decurso da descoberta de cada uma das etapas para alcançar um conhecimento sólido toma-se como orientação central a visão estrutural proposta por Granger[5] que é muito elucidativa e denota o ponto de partida para o trabalho; pois, o ponto alto dessa afirmação é o começo dessa pesquisa; a saber: a sensação, razão, arte e ciência.

> O primeiro nível do conhecer, fundamental para Aristóteles, é a *sensação,* como contato imediato com o mundo, que não está espontaneamente articulada num simbolismo como o da língua, nem requer um fundamento de discurso e raciocínio. Unida à memória, rastro de sensações repetidas,

[3] Cf. ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos.* Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1985. (posteriormente lê-se EN)
[4] Uma primeira parte tida como irracional que parece dúplice: pode ser tanto vegetativa, que é apenas passiva e meramente receptiva não necessita da razão; quanto apetitiva, em geral o elemento concupiscente participa da razão em certo sentido. "A razão pode de certo modo persuadir o elemento racional" EN., I, 13, 1102b 22-seg.
[5] Cf. GRANGER, G. G. *A ciência e as ciências.* Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Edit. UNESP, 1994.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

> ela constitui a *experiência (Empeiria),* que já associa num juízo percepções individuais uma imagem genérica. Ela é fonte tanto da ciência como da "arte". Esta última já vai além de mera imagem genérica e introduz conceitos... A ciência (*Episteme*) se distinguirá da *Techné* em primeiro lugar porque, mais exatamente e mais completamente do que a "arte", ela deve poder exprimir-se numa linguagem e ser comunicada pelo ensino (*EN, VI, 1139b 25)*. Mas ela se distinguirá da arte, sobretudo, pela natureza dos objetos a que se aplica. (GRANGER, 1994, p. 24)

Por isso, esse trabalho pretende seguir a seguinte ordem: a) do conhecimento sensível que é valorizado por Aristóteles e segue uma espécie de 'ascese' ontológica; b) Passando das existências mais complexas, àquelas pelos quais o homem pode pensar e usar do diferencial da razão; c) para o que é mais elaborado e complexo em relação ao que o homem pode perceber e agir, tanto quanto fazer, sobre o mundo, uma espécie de mediação entre o pensar e fazer; d) até ao saber que pode ser puramente demonstrativo em termos teóricos e especulativos, um completo *Conceito*.

Pretende-se, com isso, definir o que é possível conhecer começando pelo que o homem é por natureza, ou seja, suas *potências*, (predisposições mais essenciais) para as elaborações mais complexas ou suas *atividades* (desenvolvimentos e elaborações que ultrapassam a experiência).[6] Sabendo "que todo o conhecimento ocorre mediante uma passagem da potência ao ato"[7] (ZINGANO, 1998, p. 17) é só assim que será entendido como o homem pode elaborar conceitos ou conhecer humanamente.

1 SENSAÇÃO E RAZÃO

Um dos problemas que sugeriram esta pesquisa foi a confusão, muitas vezes elaborada ao se pensar o conhecimento a partir do mundo material. Ou seja, como os elementos sensíveis do mundo podem nos adentrar e produzir pensamentos? Platão resolve facilmente este problema com a preexistência da alma ao corpo; e

[6] No livro II da EN afirma: "... em relação a todas as faculdades que nos vêm por natureza recebemos primeiro as potencialidades, e somente mais tarde exibimos a atividade (isto é claro no caso dos sentidos...") (1, 1103b 16-19).
[7] ZINGANO, M. *Razão e Sensação em Aristóteles: um ensaio sobre o De Anima III 4-5.*Coleção Philosophia. Porto Alegre: LEPM Editores, 1998.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

que nesta alma estão as essências de tudo que pode existir no mundo material plasmado por um demiurgo. Apesar de muito simplista, esta demonstração absurdamente realista de Platão demonstra sua rejeita ao mundo material (o ambiente do corpo) e aos apelos dos sentidos. Com Aristóteles isto não é tão simples. Para ele "todo conhecer, por conceitos, depende da conjunção de duas operações, sensação e razão, que para precisamente estarem em conjunção precisam de uma *íntima afinidade*." (ZINGANO, 1998, p.17).

Exatamente por isto que o primeiro estado que necessariamente gera o conhecer será a *sensação*. Para Aristóteles a sensação é a porta de entrada do mundo para o homem e para qualquer ser dotado desta potencialidade. A **sensação**, então, será o contato imediato que todos os seres vivos dotados dos sentidos têm com o mundo; e a **razão** o contato intelectivo do homem com o mundo e como o mundo 'adentra' ao campo de realidade do próprio homem. No homem este dado sensível será muito mais elaborado e complexo que nos outros seres dotados de sentidos. Em sua obra Segundos Analíticos[8] Aristóteles comenta:

> Parece que isto se dá em todos os seres vivos. Pois, possuem uma faculdade inata para distinguir, que se chama sentido; porém, estando os sentidos (em todos), em alguns animais se produz uma persistência da sensação e em outros não. Assim, pois, em todos aqueles que se não produz (esta permanência), não possuem nenhum conhecimento fora do sentir; em contrapartida, aqueles em que se dá aquela permanência, terão ainda, depois de sentir, a sensação na alma.

O homem será este ser que pode, além de sentir, ter 'permanência da sensação' que seria o inteligir. Assim, quando o homem se depara com o mundo sensível, tem uma conexão real com este mundo. Não pode e não interfere *mediatamente* neste mundo, tem apenas algumas pré-disposições ou a capacidade de que o mundo seja percebido é anterior à concepção da percepção, por exemplo, para que o mundo se forme em sua mente, estando a mente em estado animal. O intelecto como sede da razão tem a capacidade de apreender a forma inteligível das coisas. É desta passagem fundamental para o conhecimento que se propõe o estudo. Ou, como o conhecer se dá tanto pelo sentir como pelo pensar.

[8] Cf. Seg. Anal., II, 99b, 19, 33-2

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Isso só será possível pela coexistência de duas propriedades ou condições necessárias[9] que são separadas, mas coabitam no homem. E essa relação Sensação a Razão é condição que possibilita o homem a 'pensar' os dados que os sentidos emitem. Conforme De Anima[10]:

> Ora, se o pensar é como o perceber, ele seria ou um certo modo de ser afetado pelo inteligível ou alguma outra coisa desse tipo. É preciso então que esta parte da alma seja impassível, e que seja capaz de receber a forma e seja em potência tal qual, mas não o próprio objeto; e que, assim como o perceptivo está para os objetos perceptíveis, do mesmo modo o intelecto está para os intelectíveis. (III. 4, 420a 13-19)

Essa possibilidade de serem juntos e não 'confundidos', como o próprio Aristóteles nos mostra, abre o campo de ação para o intelecto no terreno que lhe é próprio, ou seja, "que duas condições necessárias devem ser cumpridas para que nossos atos comuns de pensar ocorram. 'Pensar' é aqui tomado no sentido amplo de incluir a *Phantasia* e de ir além dela." (FILHO, 1998 p. 162)

Assim, o homem não apenas toca o mundo como também o interpreta, não diretamente, mas antes, necessita de toda uma estrutura pensante; necessita dos usos eminentes da razão, para interpretar esta relação *mundo,* como existência material x *homem*. O caminho percorrido por Aristóteles é o de tentar mostrar que o próprio ser das coisas precisa reunir-se com seu semelhante ser formado pelo intelecto em nós, ou seja, só a ação da sensação não garante o ser das coisas, mas a ação concreta do intelecto que produz certo *conceito*. Somente assim pode-se propiciar uma experiência que nos faça discernir como se assemelham suas diferenças. Ou seja, como podemos das diversas coisas que sentimos e que nos tocam tirar o *conceito*, aquilo que torna as coisas, ao menos para nós, compreensíveis.

Por isso, "o que se pode afirmar da sensação não será em analogia com o que terá relação com a própria intelecção"[11]. Pois a compreensão do conhecimento será tão somente uma chegada à explicação da coincidência entre o homem e as

---

[9] Cf. FILHO, Baltazar Barbosa. *Resenha ZINGANO, M. Razão e Sensação em Aristóteles: um ensaio sobre o De Anima III 4-5.Coleção Philosophia. Porto Alegre: LEPM Editores, 1998.* Analytica, revista da UFRJ, Rio de Janeiro, Vol. 4, n. 2, p. 159-167. Comenta nos capítulos II e III muito bem a relação direta entre sensação e razão sem que para isso uma seja subjugada a outra: Aristóteles mostrou, em DA III, 4, 429a 10-b10, que, se a razão é distinta da sensação, então o intelecto opõe-se ao sensível, o que permite afirmar que ele é impassível, sem mistura, sendo por essência uma atividade. (p. 161)

[10] Cf. ARISTÓTELES, *De Anima.* Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2007. (posteriormente lê-se DA)

[11] Idem.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

coisas. Nesse momento a tese sobre a alma de Aristóteles se torna então o elemento propulsor de compreensão para nossa caminhada sobre o conhecimento. É neste ponto a *reta razão*[12] e a determinação de como se constitui esta reta razão 'entram em cena'. A parte da alma dotada de razão se divide em duas faculdades: a) "uma que nos permite contemplar as coisas cujos primeiros princípios são invariáveis" a episteme, da qual abordaremos mais tarde, b) "e outra que nos permite contemplar as coisas passíveis de variação." (EN, VI, 1, 1139a 27–29) [13]

O que se refere aqui será que toda ação da alma racional está vinculada às suas excelências, e uma destas excelências é a *sensação*, mesmo que "a sensação não origina nenhuma ação refletida"[14] ela será necessária quando se passa do que se pode conhecer para o que é conhecido, ou seja, o mundo que os sentidos nos mostram pode ser 'pensado'. E a partir da sensação, como pré-disposição do homem a receber os dados do sentido, que se pode, com auxílio da aproximação dos diversos casos que experimentamos, formar *conceitos*[15].

Seu conteúdo em nossa mente é a íntima conexão da *razão* com a *sensação* de ser delas, isto é, a sua *quididade*, a essência de cada objeto, que é representada pelos conceitos; - *quididade* - quid esta res., o que a coisa é, o tipo de ser a que pertence. Ex: o conceito de circunferência representa uma determinada essência, quididade, tipo de ser, que aqui é uma figura geométrica determinada, que, permanecendo sempre *uma* e a *mesma* quanto à sua *forma* ou mesmo quanto à sua significação e conteúdo: figura plana fechada cujos pontos são equidistantes de um ponto chamado centro, contudo, se pode achar *numericamente* multiplicada em várias circunferências, de modo que todas elas e de cada uma pode-se dizer que é uma circunferência. Assim os conceitos de homem, casa, ouro, árvore, todos os que representamos com nomes comuns.

---

[12] Termo que será muito bem definido no livro VI da EN "em todas as disposições que mencionamos... há um certo alvo a visar, no qual as pessoas que usam a razão fixam o olhar para intensificar ou relaxar os esforços no sentido de adotar o meio termo". (1, 1139a 3-7)

[13] Uma destas duas faculdades racionais pode ser chamada de científica [que vamos definir mais à frente] e a outra de calculativa, pois deliberar e calcular são a mesma coisa, mas ninguém delibera sobre coisas invariáveis. A faculdade calculativa, portanto, é uma das faculdades da parte da alma dotada de razão. Devemos procurar saber, então, qual é a melhor disposição de cada uma destas faculdades, pois esta disposição é a excelência de cada uma delas (EN VI, 1, 1139a 32–38).

[14] Cf. EN. VI, 2, 1139a 3-5.

[15] Conf. ZINGANO, 1998, entende por *conceito* a capacidade de *separar*, ou *produzir* os universais, que significa propriamente o ato do entendimento de tomar algo a um certo título, *como um universal. A*quela elaboração feita da sensação, mediada do mundo pela *Abstração*; sem levar em consideração que abstração seria arrancar e mutilar o objeto sensível, mas quando Aristóteles entende o 'trabalho' da razão no ato do pensar as coisas por semelhança, por discriminação. (p.26)

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Essa articulação gerada pelo intelecto pode ser depois associada a uma ou mais lembranças e co-gerar a *ação refletida*. Esta ação é alcançada pela *alma* que tem a habilidade de intelecção. Por isso o estudo da alma é uma necessidade para Aristóteles. Em seu mais famoso livro sobre a *Psykhê* (alma) "subsidia sua teoria geral do conhecimento na medida em que considera a natureza dos princípios da intelecção" [16]

Em Aristóteles, a alma é que define o que é possível conhecer ou apenas ser, naquele ser vivo; assim, tem-se *almas vegetativas*[17]; *almas sensitivas*[18]; e as *almas intelectivas ou raciocinativa*[19]. É fato que para cada sensação existe um órgão do sentido (tato x pele, olfato x nariz, paladar x língua, visão x olhos e audição x tímpano) e para cada parte do corpo correspondente aos sentidos existe na alma uma parte que 'capta' o sentido. Por isso, quando algum dos órgãos dos sentidos são 'tocados' pelo *aisthesis* – Sensação – o órgão transmite à parte correspondente da alma um *Fantasma ou uma fantasia,* uma impressão, que a minha sensação reteve do som, do quente, do úmido, e assim para cada sensação. Faz-se alusão aqui à famosa analogia presente no *DA* sobre a cera e o selo, e cujo selo não deixa a sua matéria na cera, mas sua impressão.

> No geral e em relação a toda percepção sensível, é preciso compreender que o sentido é o perceptivo das formas sensíveis sem a matéria, assim como a cera recebe o sinal do sinete sem o ferro ou o ouro, e capta o sinal áureo ou férreo, mas não como ouro ou ferro (DA. II 2, 413b 1-6).

Porém, a alma não tem somente as partes respectivas de cada órgão dos sentidos que capta as abstrações dos sentidos, as impressões, e elabora, articula e cria; está é a *atividade intelectual* (De Anima). Esse 'dom' ou atividade intelectiva que Aristóteles declara elevar o espírito humano acima de todos os outros.

Assim, a sensação leva à memória, possibilitando as experiências do homem em relação ao mundo, formando das percepções individuais imagens genéricas que pela capacidade humana chegam ao conceito; criam-se, com isso, muitas

[16] Cf. DA. II 12, 424a 16-20. Aristóteles emprega um símile... célebre para explicar a possibilidade que o intelecto tem de receber toda e qualquer noção inteligível, da mais simples às mais complexas proposições: ele é como uma tabuleta de argila em que absolutamente nada ainda foi inscrito [De Anima 429b 31-430a 2] (REIS, 2006, p. 18).

[17] Cf. DA. II 2, 413a 20 seg.
[18] Cf. DA. II 2, 413b 1-6.
[19] Cf. DA. II 2, 313b 6-28.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br
Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

abordagens tanto teoréticas como produtivas. Essa análise agora caminha par e passo com a arte, tanto como fazer como agir, e por fim, com a definição de ciência.

2 A ARTE E A CIÊNCIA

Como seria possível um trabalho sobre o conhecimento que não destacasse tanto a arte como a ciência e como estas se relacionam diretamente como o homem, visto que é um conteúdo próprio do homem? Por isso, ao tratar do modo como o homem lida com as impressões, experiências, que a sensação provoca nele, o excurso entra propriamente no que procurar sobre a arte e a ciência. O autor Enrico Berti[20] em seu livro *As Razões de Aristóteles* em um tópico específico à prática comenta*:*

> A filosofia prática, portanto, tem em comum com a teorética o fato de procurar a verdade, ou seja, o conhecimento de como são efetivamente as coisas, e também a causa de como são, ou seja, o fato de ser ciência. Sua diferença em relação à filosofia teorética é que, para esta última, a verdade é fim para si mesma, enquanto para a filosofia prática a verdade não é o fim, mas apenas um meio em vista de outro, ou seja, **da ação**, sempre situada no tempo presente: não alguma coisa já existente, mas que deve ser feita agora. Enquanto, em suma, a filosofia teorética deixa, por assim dizer, as coisas como estão, aspirando apenas conhecer o porquê de estarem em certo modo, a filosofia prática, ao contrário, procura instaurar um novo estado de coisas, e procura conhecer o porquê do seu modo de ser apenas para transformá-lo (BERTI, 1998, p. 116)

Mesmo a sensação, então, não sendo uma articulação elaborada do mundo, faz-se “tocar” com as partes da alma o mundo que nos cerca. Discorrer sobre o mundo circundante é reforçar as sensações e captar o mundo vivido que está imediatamente próximos a nós. Granger 1998, discute a distinção entre técnica (*Techné)* e Ciência *(Episteme)* e já delineia um campo de pensamento bem mais específico para a ciência nos moldes aristotélicos:

> “O que é objeto de ciência necessariamente é”. Não que Aristóteles se recuse a admitir uma ciência do movimento e da mudança (a Física); mas, nesse caso, há ciência do que é invariante nas coisas cambiantes e em seus modos de mudança. A Arte, pelo contrário, diz respeito à mudança enquanto tal e, por conseguinte, aos aspectos contingentes do individual. (GRANGER, 1994, p. 24)

[20] Cf. BERTI. E. *As Razões de Aristóteles.* Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Por isso, que a arte se vale das impressões da alma por meio dos sentidos, mas não baseia seu esforço no que é transitório, culminando em um fazer pelo processo do produzir. A respeito deste mudar o mundo comentado acima, o próprio Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômacos* deixa claro esta diferenciação que se dá entre o *agir* e o *fazer;* dizendo que "Entre as coisas variáveis estão incluídas as coisas feitas e as ações praticadas, pois fazer e agir são coisas diferentes..." (EN VI, 4, 1139b 1-5) mesmo sendo o agir e o fazer, no âmbito da arte, um saber até razoável:

> A origem da ação (sua causa eficiente, e não final) é a escolha, e origem da escolha está no desejo e no raciocínio dirigido a algum fim. É por isso que a escolha não pode existir sem a razão e o pensamento ou sem uma disposição moral, pois as boas e as más ações não podem existir sem uma combinação de pensamento e caráter. (EN VI, 2, 1139b 19-23)

O agir é um fim em si mesmo e promove uma vida ética, pois é 'praticamente' melhor aquele que se dedicar em pôr em prática a ética. O que é o correto no âmbito das escolhas deve vir de uma razão que, pela *disposição de caráter*, reconhece o que é o *meio termo*.

Passando do fazer e do agir para o conhecer de forma especulativa, uma boa conclusão será de Berti quando comenta que a pretensão de ser, tanto da técnica como *arte*, dizendo que o conhecimento pela arte é muito válido e até certo ponto justificável. A arte, por fazer parte da vida humana nos mais variados graus de existência, pode ser um atributo essencial tanto como ação como fazer. E que ambas serão necessárias cada uma na sua particularidade.

> No livro VI da *Ética a Nicómaco,* Aristóteles enumera entre as virtudes dianoéticas. Isto é, entre as formas de racionalidade, também a "arte" *(tékhne)* entendida no sentido grego do termo, que compreende inclusive nosso conceito de "técnica". Ela concerne a objetos que podem ser diferentemente do que são, ou seja, contingentes, por isso está entre as virtudes da parte "calculadora" da razão, a mesma que compreende a *phrónesis.* A diferença entre arte e *phrónesis* repousa no fato de que esta última ocupa-se, como vimos, do que pode ser "praticado" *(to praktón),* das ações, enquanto a arte se ocupa da produção de objetos. A distinção entre "ação" *(práxis)* e "produção" *(poíesis)* é dada por Aristóteles quase sempre por evidente, e consiste no fato de que a ação não produz nenhum objeto diferente dela mesma, isto é, termina em si, enquanto a produção dá lugar a um objeto diferente de si, que é o produto (BERTI, 1998, p. 157)

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Mesmo o saber da *arte* estando no mundo como uma proposta menosprezada ao longo dos anos (inclusive no período medieval, onde aqueles homens voltados para trabalhos manuais eram malvistos), terá sua relevância na 'mutação' deste mesmo mundo em coisas que podemos usar e 'tatear'[21].

Pensemos em um mundo como no período medieval que deixa de lado as questões práticas da vida, mesmo sabendo que seriam fundamentais para a manutenção da sociedade, e que valoriza o saber especulativo que vem de Deus, *Theos,* daí a origem da palavra *Teoria* – ***θεωρία* –** em grego. Na própria Grécia Antiga vemos que algumas das profissões fundamentais como a de *Arkhitékton* só se fazia acontecer, necessariamente, quando um prático ou artesão/operário colocava em ação as teorias por ele pensadas.

A *ciência* é o conhecimento do necessário e acima de tudo pode ser demonstrada, e é o que conduz à *Verdade*; Por isso, a ciência pode, assim, ser passível de linguagem e ensinada, transmitida.

> A natureza do conhecimento científico, se devemos falar com exatidão em vez de seguir simples analogias, tornar-se-á evidente após as considerações seguintes. Todos supomos que aquilo que conhecemos cientificamente não é sujeito sequer de variação; quanto as coisas sujeitas a variações, não sabemos, quando elas estão além de nossa capacidade de observação, se elas realmente existem ou não. O objeto do conhecimento científico, portanto, existe necessariamente. (EN. VI, 3, 1139b 6-12)

O conhecimento do necessário - Ciência - não diminui o que é a arte, mas se diferencia naquilo que lhe é próprio, a saber, a capacidade abstrativa ou intelectiva que potencializada, pelo uso da razão, encontra os elementos de definição essenciais do que uma coisa é. Por isso essa capacidade de entendimento é fundada na possibilidade de, mesmo estando separado, a sensação fixada na mente pela repetição se tornar memória e fonte de arte e ciência.[22]

---

[21] Conf. SIQUEIRA, E. D. *Ciência, corpo e mente como categorias de conhecimento.* O.R. & A. Revista de Administração da UFLA – v.5 – n.2 – julho/dezembro, 2003. Originária do substantivo grego *Téchne ou Tékne*, a palavra técnica comporta inúmeros significados possíveis. Comumente, técnica tem significado arte ou habilidade manual para produzir ou fabricar artefatos, tais como objetos ou obras. A produção de qualquer artefato – que vai dar origem às palavras artifício e artificial - se opõe a algo produzido ou feito pela natureza. Surge, logo de início, uma primeira distinção entre o natural e o objeto técnico, como produto da ação humana. A palavra Téchne também pode se aproximar da noção de poiésis, ou ação fabricadora do homem... Tudo o que não é produzido ou criado pela natureza pode ser considerado como sendo uma técnica ou arte, logo, portanto, como resultado da ação humana. Nesse sentido, todo e qualquer ofício ou profissão significa uma técnica ou uma arte. (P 2. grifo nosso).

[22] Conf. SIQUEIRA, 2003, p.3: Enquanto a tecnologia transforma e altera o mundo, a ciência busca compreendê-lo e explicá-lo, sem, contudo, interferir em sua natureza. É nesse sentido que o termo ciência se aproxima do significado do verbo grego *Theoréo*, que significa contemplar, observar, examinar. No latim, *Theoréo* tem na

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

Este entendimento de ciência será fundamental na proposta aristotélica de busca pela Verdade. Pois ao aliar um conceito racionalmente elaborado a uma característica de transmissão e demonstração retira o que é passivo de dúvidas.

> Tal como em toda a natureza há, por um lado, algo que é matéria para cada gênero (e isso é o que é em potencia todas as coisas) e, por outro, algo diverso que é a causa e fator produtivo, por produzir tudo, como a técnica em relação à matéria que modifica, é necessário que também na alma ocorram tais diferenças. E tal é o intelecto, de um lado, por tornar-se todas as coisas e, de outro, por produzir todas as coisas, como uma certa disposição... E este intelecto é separado, impassível e sem mistura, sendo por substância atividade... Somente isto quando separado é propriamente o que é, e somente isto é imortal e eterno,..., e sem isto nada se pensa. (DA. III, 5, 430a 10-26)[23]

Aqui no referido texto Aristóteles constrói um conhecimento que se caracteriza como *necessário, universal, eterno e imortal*. Por isso a ciência é discurso do que necessariamente é, mesmo que nosso entendimento não acompanhe as etapas de formação de ciência. Este necessário será o causal gerado pelo primordial.

Quando Aristóteles nos lega sua definição de conhecimento científico na EN, começa por dizer que o importante é descobrir as "cinco disposições em virtude das quais a alma alcança a verdade por meio da afirmação ou da negação: arte, a ciência, o discernimento, a sabedoria filosófica e a inteligência;" (EN VI 1139b 3, 1-4) e quando considera a questão do *conhecimento científico* fala da natureza do que se conhece por *necessidade,* ou seja, daquilo que não seria de outra forma por ser assim um elemento primordial e, consequentemente, da natureza do que é conhecido como forma de ser fonte fidedigna de conhecimento por não ser mutável[24].

---

palavra *Specio* seu correspondente, significando especulação e conjectura. Se, por um lado, a ação técnica procura criar, produzir e fabricar algo que não existe na natureza, a ciência busca, ou pelo menos buscava,... principalmente, compreender e explicar o mundo, sem, contudo, alterá-lo.

[23] Conf. ZINGANO, 1998, p.34 a distinção que esta passagem sublinha é entre a atividade de conhecer do indivíduo e o conhecimento como resultado dessa atividade... a Ciência é o produto do conhecimento que adquirem os indivíduos, mas ela é separável deles. A validade da ciência é independente da atividade deles, pois ela não repousa no que faz um sujeito, mas no que é a própria coisa... a tese de Aristóteles não é que o intelecto seja imortal e eterno, mas que a Ciência como resultado (deste intelecto) é imortal e eterna."

[24] Conf. PEREIRA, 2001, p.: "Julgamos conhecer cientificamente cada coisa, de modo absoluto e não, à maneira sofística, por acidente, quando julgamos conhecer a causa pela qual a coisa é, que ela é a sua causa e que não pode essa coisa ser de outra maneira"(*Seg. Anal.* I, 2, 71b9-12) Tal é a noção famosa de conhecimento científico que os *Segundos Analíticos* formulam, quase em seu mesmo início, e a cuja elucidação e explicitação pode, de certo modo, dizer-se que a totalidade do tratado se consagra. Noção que comentadores e autores incansavelmente citaram, repetiram e discutiram através dos séculos, tentando, com maior ou menor sucesso, compreendê-la e explicá-la em todo seu alcance e significado. Por ela entendemos, então, que, em sentido

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

A parte essencial de formulação do conceito é sua característica de imutabilidade que garante um conhecimento verdadeiro e não transitório ou passageiro. Assim nos fala Aristóteles:

> Ele é consequentemente eterno, pois todas as coisas cuja existência é absolutamente necessária são eternas. Ademais, considera-se que toda ciência pode ser ensinada, e tudo que é cientificamente conhecido pode ser aprendido. (EN VI 1139b 3, 12-15).

O processo de conhecer cientificamente, então, nos seus passos, encontra tanto a *Indução* como a *Dedução*: "e todo ensinamento parte do que já é conhecido... pois ele avança às vezes por indução e às vezes valendo-se do silogismo" (EN VI 1139b 3, 15-17). Aristóteles ainda destaca que mesmo que haja uma prevalência no âmbito da finalidade para as questões silogísticas, ao menos aparente, há também uma complementação entre ambos, ou seja, "há pontos de partida que são marco inicial do avanço do silogismo, e os quais não se chega pelo silogismo; logo, é por indução que os atingimos" (EN VI 1139b 3, 19-22).

O que falta tratar aqui é que a ciência pode ser também demonstrável e esse será um dos elementos de definição do *conhecimento científico* para O Filósofo[25]. Este ponto é não menos importante e se alia ao fato da imutabilidade e da necessidade primordial dos elementos a serem conhecidos. Só podemos aprender aquilo que realmente, no nível das nossas capacidades, abraçamos com nossa razão derivada de nossa sensação e, por fim, podemos transmitir por sermos detentores daquilo que não muda e é necessário em um ser. E a conclusão só será em relação direta com a origem dos dados do ser.

> O conhecimento científico, então, é a disposição graças à qual podemos fazer demonstrações...; de fato, um homem possui conhecimento científico quando tem uma convicção a que chegou de certa maneira, e conhece os pontos de partida, já que os pontos de partida não lhe são melhor conhecidos de que a conclusão ele terá apenas acidentalmente. (EN VI 1139b 3, 22-28)

---

absoluto, só há conhecimento científico de uma coisa quando a conhecemos através do nexo que a une a sua causa, ao mesmo tempo que apreendemos sua impossibilidade de ser de outra maneira, isto é, sua necessidade. Com efeito, "uma vez que é impossível ser de outra maneira aquilo de que há ciência, em sentido absoluto, será necessário o que é conhecido segundo a ciência demonstrativa".(Seg. *Anal*. I, 4, 73a21-23. Cf., também, 33, 88b31-2: "... a ciência é universal e procede por conexões necessárias, e o necessário não pode ser de outra maneira")

[25] Termo cunhado para designar Aristóteles no final do Sec. VIII que se deu pelo processo de redescoberta de suas obras e que serve para designar todo o valor do completo trabalho dele.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

A origem de um ser nos dá, acima de tudo, o que a coisa, em sua mais fundamental estrutura, é. Bem referido pelo próprio Aristóteles assim: “Os princípios e as causas das que são, e – evidentemente – enquanto são” (Metafísica VI 1, 1025b 1-2) é o objetivo para os que buscam o conhecimento. E começando por um elenco das ciências naquilo que é mais fundamental de cada uma, na Metafísica no livro VI, encontramos a definição magistral da ciência das ciências, aquela entendida como *Filosofia Primeira:*

> Ora todas as causas devem ser eternas, mas especialmente estas, porquanto são elas as que operam naquilo que, do divino, nos é acessível... e à mais alta ciência compete tratar do mais alto dos gêneros. Se, pois, as ciências teóricas são de preferir às coisas, esta é de preferir às demais ciências teóricas. Poder-se-ia perguntar se a Filosofia Primeira é universal ou se trata de um gênero, isto é, de uma espécie de ser;... A isto respondemos que, se não existe substância além das que são formadas pela Natureza, a Física será a ciência primeira; mas, se existe uma substância imóvel, a ciência que a estuda deve ser anterior, e essa será a Filosofia Primeira, universal no sentido de ser a primeira. E a ela competirá a consideração de ser enquanto ser – tanto na sua essência como dos atributos que lhe pertencem enquanto ser. (METAFÍSICA VI 1, 1026a 13-34)

Até aqui tentou-se alcançar este construto que é a *ciência*, ao menos no campo do conhecimento teórico, em Aristóteles. Sabendo-se dos limites deste artigo, se propôs mesmo encontrar o fim último que é o aprendizado possibilitado ao estudar Aristóteles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos seriam os argumentos que se poderia elencar com justificativas de peso para validar a atualidade de Aristóteles: sua importância histórica, como também sua influência intelectual na Grécia antiga.

Porém, é de fato fácil dizer que Aristóteles foi o filósofo capaz de construir um sólido edifício do saber: tanto em níveis ontológicos daquilo que é possível conhecer, como em nível histórico influenciando e motivando muitos estudiosos pela

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

sua atualidade. Conclui-se concordando com uma das duas ideias propostas por Pierre Aubenque em uma de suas conferências de 2001[26]:

> A atualidade provocativa e paradoxa, segundo a qual a qualidade de uma obra não diminui pouco a pouco para, finalmente, ultrapassar-se, e sim, ao contrário, ascende e cresce de novo, de modo inversamente proporcional a sua antiguidade. Há, pois, dois tipos de atualidade, a que vive o tempo todo e a que vive de novo. Creio que Aristóteles, hoje em dia, é atual, sobre tudo no segundo sentido de atualidade que não é um estado, senão um evento, uma ressurreição, um renascimento (AUBENQUE, 2001, p. 1)

Fazer ciência com Aristóteles é sempre um "re-descobir" motivos e razões de ser. É estar junto do mundo e tentar, com o mesmo assombro dos geniais mitos e dos posteriores físicos, entender o mundo que nos cerca nas suas mais variadas relações e conexões necessárias de assim ser. Este artigo elucida um pouco do "tamanho" de Aristóteles para a história, e para a ciência, isto é, saber, significa, em suma, conhecer não somente o "quê", mas também o "porquê" de certo estado de coisas, e saber que não é um simples estado de fato, mas uma verdadeira necessidade. Naturalmente essas duas características estão vinculadas entre si, pois a necessidade do efeito é dependente da existência da causa, pela qual o estado de coisas do qual se tem ciência não é necessário por si mesmo, mas se e somente se subsiste uma causa suficiente sua, precisamente aquela cujo conhecimento constitui sua ciência.

Em verdade, admite-se, hoje, no teatro desmedidamente extenso das representações de nosso mundo oferecida a todos pelos textos e pelas imagens, a ciência certamente aparece como uma personagem essencial. Misteriosa, porque o pormenor de sua figura não está ao alcance dos próprios cientistas; tutelar, porque dela dependem as maravilhosas máquinas que povoam os lugares em que vivemos; Inquietante, porque estamos conscientes dos poderes antinaturais e aparentemente ilimitados que um tal saber foi capaz de desencadear.

Assim, a atualidade de Aristóteles fundamenta-se na direção do saber como um todo, do saber desinteressado e profundo, do ócio que forma e gesta ideias e que em muito não se abala, mas ao contrário, estabelece-se lançando um turbilhão de perguntas à ciência contemporânea: o que *realmente* é Ciência? Quais as bases do *saber* atual? Pode-se dizer que ciência se faz pelo capricho de ordem econômica? O *saber científico* é o que se precisa para resolver os problemas da

[26] Conf. AUBENQUE, P. *La Actualidad de Aristóteles.* Revista de Filosofia, Madri, Nº 22, 2001, p.9-16.

|44| 3029-9094 / 3227-4046
www.faculdadeeficaz.com.br

Av. João Paulino Vieira Filho,729
CEP: 87020015 - Maringá / PR

atualidade? E de fato se concorda que não se tenta aqui neste breve espaço responder tais perguntas, mas suscitar os problemas que a falta da interpretação verdadeira de Aristóteles no mundo atual permite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARISTÓTELES, **A Metafísica**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

_____, **Metafísica** (edição trilingue: grego-latim-espanhol). Madrid: Editorial Gredos, 1982.

_____,**Ética a Nicômacos**. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

_____,**Tratados de Lógica (Organon**). Trad. Miguel C. Sanmartín. Madrid: Gredos, 1995.

_____, **De Anima**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2007.

GRANGER, G., **A Ciência e as Ciências**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

ZINGANO, M.,**Razão e Sensação em Aristóteles: um ensaio sobre o De Anima III 4-5**.Coleção *Philosophia*. Porto Alegre: LEPM Editores, 1998.

BARBOSA FILHO, Baltazar, **Resenha**: ZINGANO, M. "Razão e Sensação em Aristóteles: um ensaio sobre o **De Anima III** 4-5".Coleção Philosophia. Porto Alegre: LEPM Editores, 1998. Revista **Analytica**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 4, n. 2, p. 159-167.

PEREIRA, O. P., **Ciência e Dialética em Aristóteles**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
CHÂTELET, François,**História da Filosofia: A Filosofia Pagã. Parte IV, ARISTÓTELES**. Apud BERNHARDT (1973).

BERTI. E, **As Razões de Aristóteles**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SIQUEIRA, E. D., **"Ciência, corpo e mente como categorias de conhecimento".** In: O.R. & A. *Revista de Administração* da UFLA - v.5 - n.2 - julho/dezembro, 2003.